

Sentido Filosófico dos Direitos Humanos em *Hannah Arendt* Trabalho e Obra em “*A Condição Humana*”

Fernando Silveira Melo Plentz Miranda¹

RESUMO: Este estudo tem por objetivo examinar os conceitos de *trabalho e obra* no pensamento de Hannah Arendt transcritos no livro *A Condição Humana*.

ABSTRACT: This study aims to examine the concepts of *work and the work* at the thought of Hannah Arendt transcribed in the book *The Human Condition*.

Palavras-chave: Hannah Arendt; A condição humana; trabalho; obra.

Keywords : Hannah Arendt; The human condition; work; the work.

1. Introdução

O livro *A Condição Humana* conceitua uma série de conceitos filosóficos de Hannah Arendt que devem e necessitam ser estudados com a devida e profunda seriedade por todos àqueles que buscam o conhecimento. Decidiu-se optar pela análise de dois conceitos do livro, trabalho e obra, elementos iniciais à iniciação do pensamento de Arendt, que a partir destes conceitos iniciais, poder-se-á desdobrar reflexões futuras sobre os demais conceitos do livro.

Estabelecido este objetivo, discorrer-se-á mesmo que sucintamente e de forma didática, na medida do possível diante da grandiosidade do tema, a distinção de *vita activa* e *vita contemplativa*, que se desdobrarão nos conceitos de trabalho e obra no mundo moderno.

2. *Vita activa* e *vita contemplativa*

Ao iniciar o estudo sobre a condição humana, Hannah Arendt define três atividades humanas fundamentais que designam o que chama de *vita activa*, quais sejam, trabalho, obra² e ação. Por trabalho, entende ser a atividade humana biológica ligada ao corpo físico do ser humano, sendo que

¹ Mestrando em Direitos Humanos Fundamentais no Unifieo. Especialista em Direito Empresarial pela PUC/SP. Professor do Curso de Direito da FAC São Roque. Advogado e Administrador de Empresas.

² É de se destacar um breve comentário neste momento, em virtude de uma diferença de tradução. Até a 10ª edição do livro, era utilizada pelo tradutor a palavra *labor*, mas, a partir da 11ª edição, o tradutor passou a utilizar a palavra *trabalho* no título do Capítulo III. E, quando o tradutor utilizava a palavra *trabalho*, passou a utilizar a palavra *obra* para o título do Capítulo IV. Desta forma, o tradutor alterou os termos *labor* e *trabalho* do original em inglês *labor* e *work*, passando então a utilizar as expressões na nova edição brasileira. Muito embora a tradução não seja literal, esta nova forma de redação dos termos se adéqua aos conceitos da modernidade e ao verdadeiro significado do que a autora desejou passar, além disto, os novos termos da tradução se aproximam mais com o significado das mesmas expressões em língua germânica, conforme as edições alemãs que foram consultadas, texto este estabelecido pela própria Hannah Arendt. Portanto, recomenda-se a leitura da *nota à nova edição brasileira*, em que o revisor técnico, Adriano Correia, aponta detalhadamente estas diferenças de tradução bem como os motivos da referida alteração. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

o trabalho é uma condição humana pois é uma condição da vida, o corpo vivo está em constante trabalho para manter-se vivo. A obra não está ligada ao ciclo natural da vida, em um sentido biológico, natural, mas está vinculado ao mundo das coisas, artificial, dos bens criados pela transformação do homem sobre produtos naturais, que cria um novo mundo diverso da natureza, portanto, á a condição humana da mundanidade. Em relação à ação, esta é decorrente do fato de que os homens, enquanto pluralidade de existências, vivem no planeta Terra, uma vez que “a pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá”³. Nesta medida, tudo o que for inserido no mundo humano se tornará de certa maneira uma parte da condição humana, seja uma nova vida, seja algum bem produzido pela inteligência humana, sejam relações políticas ou pessoais entre seres humanos, todos de uma maneira ou outra, condicionarão a existência do homem na Terra e, portanto, produzirá algum impacto na existência humana.

Estabelecidos os conceitos fundamentais da expressão *vita activa*, a autora fornece a origem filosófica do termo, bem como a sua distinção da *vita contemplativa*. Na *pólis* grega, o trabalho e a obra não eram considerados dignos para uma existência livre, posto que os homens que “trabalhavam” tão-somente produziam e serviam para a cidade e seus cidadãos, desta forma, a expressão *vita activa* era designada àqueles que viviam em função da vida política nas decisões da cidade, o qual os filósofos não faziam parte, posto que viviam em liberdade de pensamento; assim, a expressão *vita activa* tem sua origem na expressão *vita contemplativa*. Após a desestruturação da cidade-Estado na Grécia antiga e, principalmente, na era medieval, o prazer *da* e *na* vida passou a uma posição secundária, onde a vida passou a ser “orientada claramente pelo ideal da contemplação (*theoria*)”⁴. Da necessidade de se manter afastados da vida política, os filósofos “acrescentaram a liberdade e a cessação de toda a atividade política (*skhole*)”⁵, o que originou uma abstenção dos filósofos e, posteriormente de praticamente todos os cidadãos (pessoas) da vida política. Estes fatos acabaram por rebaixar, pelo pensamento clássico, o conceito de *vita activa* durante a era medieval no ocidente, na medida em que o cristianismo difundiu a crença de que um mundo melhor será alcançado através de uma vida de contemplação. Modernamente, houve uma inversão de valores, em que a *vita contemplativa* foi rebaixada, sendo exaltada a *vita activa*. Contudo, para Hannah Arendt, não há subordinação ou hierarquização entre os conceitos das expressões *vita activa* e *vita*

³ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 9-10.

⁴ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 17.

⁵ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 17.

contemplativa, ambas devem ser estudadas e compreendidas, pois necessárias ao entendimento da condição humana.

3. Trabalho

Na *pólis* grega, o homem tinha uma vida no lar, junto aos seus familiares, mas era certo que os filósofos sustentavam que a liberdade se encontrava de forma exclusiva na vida política, sendo que esta liberdade somente poderia de fato ser exercida pelo governante do lar e quando este deixava o lar para ingressar na vida política, único momento em que todos que participavam da vida política eram iguais, portanto, livres. Desta noção de igualdade, pressupõe de outro lado, o conceito de desigualdade, na medida em que todos aqueles que não participavam da vida política não eram livres e, portanto, desiguais aos homens livres. Desta diferenciação social, tem-se que os homens livres não trabalham, pois utilizam seu tempo para as coisas da *pólis* e da política, havendo àqueles que são servos e que, portanto, trabalham para servir ao lar e à cidade. Nesta medida, o privado e o público passaram a existir de forma muito antagônica, pois o homem mantinha uma vida privada no lar, onde não era livre, e ao adentrar no seio do local público, para exercer a vida política junto dos seus iguais, tornava-se livre. Portanto, poucos eram os homens que tinham acesso ao que era público, e mesmo assim, não o tempo todo; sendo certo que a maioria dos homens mantinham-se no que era considerado privado, sem acesso ao público, tão-somente trabalhando fisicamente, o que era considerado uma aproximação dos animais, pois “trabalhar significava ser escravizado pela necessidade, e essa escravização era inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem dominados pelas necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade dominando outros que eles, à força, sujeitavam à necessidade.”⁶ No decorrer dos séculos esta situação não se alterou muito, uma vez que na Idade Média ainda persistia um abismo entre o público e o privado, correspondendo o público com o religioso extramundano e o privado com o mundo mundano feudal, em que o homem permanecia vinculado à terra, ao senhor feudal e ao seu lar, conseqüentemente, não existia domínio público acessível aos homens.⁷

Porém, com o estudo da teoria política, os filósofos excluíram o conceito de que os homens que praticam política não trabalham, que apenas contemplam, a partir de então todos os homens trabalham, logo todas as atividades humanas seriam uma expressão da *vita activa*. A era moderna trouxe consigo a “glorificação do trabalho como fonte de todos os valores e sua elevação do *animal*

⁶ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 103.

⁷ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 33-45.

laborans à posição tradicionalmente ocupada pelo *animal rationale* (...)”⁸. O mundo moderno alavancou a produção e o modo de vida de forma impressionante e sem paralelos na história da humanidade após a Revolução Industrial e, desta forma, o trabalho deixou a esfera privada e ingressou também no campo público. Diante das novas realidades sociais, a expressão do trabalho ao sujeito mais apropriada passou a ser *homo faber*, em substituição ao *animal laborans*.

No mundo moderno, ganha força o significado do termo produtividade, em que se destaca a seguinte passagem:

(...) um fato ainda mais significativo nesse particular, já pressentido pelos economistas clássicos e claramente descoberto por Karl Marx, é que a própria atividade do trabalho, independentemente de circunstâncias históricas e de sua localização no domínio privado ou no domínio público, possui realmente uma ‘produtividade’ própria, por mais fúteis ou não duráveis que sejam os seus produtos. Essa produtividade não reside em qualquer um dos produtos do trabalho, mas na ‘força’ humana, cujo vigor não se esgota depois que ela produz os meios de sua subsistência e sobrevivência, mas é capaz de produzir um ‘excedente’, isto é, mais que o necessário para a sua própria ‘reprodução’.⁹

Surge nitidamente no mundo moderno uma distinção entre obra manual e intelectual, sendo certo que naquele momento histórico de valorização do trabalho humano, os homens que viviam do seu intelecto desejassem ser considerados trabalhadores, os intelectuais passaram a não ser valorizados, pois doravante o que seria glorificado eram os operários, ou seja, a glorificação da *vita activa* em detrimento da *vita contemplativa*. Na valorização e glorificação do trabalho no mundo moderno, o ser humano acaba por produzir “bens de consumo” para a vida humana¹⁰, como também “objetos” que serão usados no mundo humano pelos homens. Contudo, em contraponto com os bens de consumo e os objetos de uso, os homens produzem produtos da ação e do discurso, que se originam das manifestações externas dos homens a partir do ato de falar e agir, sendo que a “sua realidade depende inteiramente da pluralidade humana, da presença constante de outros que possam ver e ouvir e, portanto, atestar a sua existência”¹¹, pois estes “produtos” são intangíveis e não duráveis, devendo ser reificados e transformados em coisas mundanas através de feitos, eventos, que se materializarão em livros, poesias, esculturas, etc. Assim, a vida humana constrói o mundo em

⁸ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 105.

⁹ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 108.

¹⁰ A autora utiliza como exemplo de um bem de consumo um pão, uma vez que a sua “expectativa de vida” não passa de um dia e tem a única serventia de sustento do corpo humano através da alimentação, e, como exemplo de objeto uma mesa, que será utilizada pelo homem. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 116.

¹¹ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 117.

volta do homem o tempo todo em uma permanente reificação da própria mundanidade de coisas constantemente produzidas pelo homem, e esta é medida pela soma do artifício humano.

4. Obra

Hannah Arendt diferencia obra – de nossas mãos – de trabalho do nosso corpo – que produz através do *homo faber* (este produz, opera em, no sentido de fazer alguma coisa em uma produção, produção moderna em larga escala; que por sua vez é distinto do *animal laborans*, que trabalha e se mistura ao que é produzido, sempre em pequena escala, pois o homem acaba se incluindo no que é produzido). Mas o trabalho humano deve produzir coisas duráveis no mundo, na medida em que deve se transformar em algo tangível, um produto que sobreviva à atividade humana, em um constante processo de reificação.

A autora afirma que o ato de fabricar, de criar a partir dos elementos da natureza, é a obra do *homo faber* – ao contrário do trabalho, que tão-somente reproduz – e a obra consiste em constante reificação, definida da seguinte maneira:

O material já é um produto das mãos humanas que o retiram de sua natural localização, seja matando um processo vital, como no caso da árvore, que tem de ser destruída para que se obtenha a madeira, seja interrompendo alguns dos processos mais lentos da natureza, como no caso do ferro, da pedra ou do mármore, arrancados do ventre da Terra. Esse elemento de violação e de violência está presente em toda fabricação, e o *homo faber*, criador do artifício humano, sempre foi um destruidor por natureza. O *animal laborans*, que com o próprio corpo e a ajuda de animais domésticos nutre o processo da vida, pode ser o amo e o senhor de todas as criaturas vivas, mas permanece ainda servo da natureza e da Terra; só o *homo faber* se porta como amo e o senhor de toda a Terra.¹²

Do domínio do homem sobre a natureza que caracteriza a modernidade, se desdobram o trabalho e a obra, sendo esta última caracterizada por uma visão, um modelo, um esboço, a partir de uma ideia do qual o homem cria algo novo no mundano, que orientará o processo de fabricação e que, posteriormente, poderá ter infinita continuação, sendo que “essa multiplicação potencial, inerente à obra, difere em princípio da repetição que caracteriza o trabalho”¹³. Saliente-se que a obra pode multiplicar-se, ao contrário do trabalho que é mera repetição. Desta forma, a título de exemplo, pode-se termos em mente um objeto, uma cama, na qual a obra consiste em uma ideia mental do que é uma cama e em um processo de reificação, pensar-se a partir de conceitos prévios já existentes do que é uma cama, elaborar-se novas formas de como produzir um novo formato de cama; que é o oposto do conceito de trabalho, de mera repetição em uma produção contínua de um modelo de

¹² ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 173.

¹³ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 176.

cama. Assim, a multiplicação – obra – multiplica alguma coisa que já existe de forma estável e permanente no mundano (várias formas de cama), que difere da repetição – trabalho – que produzirá e lançará no mundo uma grande quantidade de um bem ou objeto (muitas camas do tipo x).

5. Conclusão

Fora exposto ao longo do presente estudo, de uma forma singela diante da profundidade e grandeza do texto de Hannah Arendt, apresentar apenas dois dos conceitos apresentados pela autora, trabalho e obra. Demonstrou-se a origem das expressões *vita activa* e *vita contemplativa* como elementos essenciais a compreensão do tema e dos conceitos narrados.

Por fim, demonstrou-se os conceitos de trabalho e obra no mundo moderno, bem como a valorização da *vita activa* na modernidade, em que há a suprema valorização deste modelo de *vita activa* em detrimento da *vita contemplativa*. Salientamos que o livro *A condição humana* merece uma leitura detalhada e o aprofundamento nos conceitos da autora, em que se mostrará que – conforme salientado no início do presente escrito – não deve haver subordinação ou glorificação da *vita activa* em detrimento da *vita contemplativa*, ou vice-versa, pois ambas são expressões da vida humana, vida que é o bem supremo.

Referências Bibliográficas

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **A condição humana**. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.